



Málu Balona*

* Educadora. Pesquisadora de Conscienciologia desde 1986. Coordenadora do Pólo de Pesquisa IIPC – Brasília – DF.
mbalona@terra.com.br
coordenação.poloipc@brturbo.com

Unitermos

Afinidade
Amparadores
Precognição
Sincronicidade
Tenepes

Keywords

Affinity
Helpers
Penta
Precognition
Synchronicity

Palabras-Clave

Afinidad
Amparadores
Precognición
Sincronicidad
Teneper

Introdução – A publicação desse relato cumpre um compromisso assumido pela autora com os amparadores. O episódio, aparentemente banal, não perdeu sua atualidade e importância. Justamente pela simplicidade, poderá levar o leitor ou a leitora a uma reflexão sobre o amparo extrafísico que recebemos o tempo todo e no qual nem sempre, de fato, confiamos.

Sincronicidade – O texto expõe um caso de

Lição Multidimensional

Multidimensional Lesson

Lección Multidimensional

Resumo:

O texto expõe um caso de *sincronicidade multidimensional*, abordando a convergência dos fatos do cotidiano – fatuística – e o fluxo inteligente de energias deles decorrentes, funcionando enquanto linguagem silenciosa plena de significados. A vida intrafísica cria, para a conscin, a ilusão da distância e da separação quanto à sua verdadeira procedência. Contudo, a existência humana sempre transcorreu sob o foco permanente da multidimensionalidade. Basta um olhar mais atento para que se perceba a interdependência na atuação extrafísica benigna das consciências amparadoras. *Às vezes, é preciso uma desilusão para mudar nossos hábitos. Com a quebra da rotina, acabamos encontrando novas e melhores opções.*

Abstract:

This text presents a case of *multidimensional synchronicity*, looking at the convergence of everyday facts – factuistics – and the intelligent flow of energies that originates from them and that functions as a silent language, full of meanings. Intrapysical life creates, for the intrapysical consciousness, the illusion of distance and separation regarding his/her true origin. However, human existence has always occurred under the permanent focus of multidimensionality. A more attentive look is all that's needed to perceive the interdependence in the benign extraphysical performance of helping consciousnesses. *Sometimes, a disillusion is necessary to change our habits. With the break in routine, we end up finding new and better options.*

Resumen:

El texto expone un caso de *sincronicidad multidimensional*, abordando la convergencia de los hechos del cotidiano – factuística – y el flux inteligente de energías que son decurrentes de ellos, actuando como una lenguaje silenciosa llena de significados. La vida intrafísica cría, para la concin, la ilusión de la distancia y de la separación con relación a su verdadera procedencia. Sin embargo, la existencia humana siempre transcurrió bajo el foco permanente de la multidimensionalidad. Basta una mirada más atenta para que se perciba la interdependencia en la actuación extrafísica benigna de las consciencias amparadoras. *A veces, es necesario una desilusión para cambiar nuestros hábitos. Con la quiebra de la rutina, acabamos encontrando nuevas y mejores opciones.*

sincronicidade multidimensional, abordando a convergência dos fatos do cotidiano – fatuística – e o fluxo inteligente de energias deles decorrentes, funcionando enquanto linguagem silenciosa plena de significados.

Precognição – Por mais de uma semana, percebi forte pressão extrafísica, confirmada principalmente pelos padrões da *tenepes*. Estava às voltas com a nova campanha promocional do

CIP – Curso Integrado de Projeciologia, há 10 dias. Também estava dando os retoques finais nos preparativos para o início de uma itinerância no primeiro semestre de 2000. Durante estes dias de trabalho, contudo, havia uma sensação marcante, onipresente, de que passaria por algum tipo de **perda material**.

Essa sinalética já era conhecida e valorizada, após algumas situações semelhantes enfrentadas na atual seriéxis. Simultaneamente, desde a passagem do ano, estava vivendo um momento de profunda reflexão pessoal. Havia muitas dúvidas e incertezas quanto às próximas etapas da proéxis a realizar.

Contrariamente aos hábitos pessoais, por três dias (**Sábado 8, Segunda-feira 10 e Terça-feira 11/01/2000**), no trajeto de casa para o *IIPC*¹ e vice-versa, tirei sistematicamente todos os objetos de valor da bolsa: cartões de crédito, talões de cheque e o relógio, para guardá-los numa sacola plástica onde levava o lanche. Cheguei ao cúmulo de deixar na carteira apenas o que poderia ser *roubado* ou *perdido*, numa atitude bem calculista. Minha atenção voltava-se a toda hora para a premência de cuidados com os pertences pessoais.

Até **Terça-feira, 11**, nada havia acontecido. Contudo, a pressão continuava, firme. Nesse mesmo dia, fui avisada pelo Departamento de Programação do *IIPC* que deveria tomar a vacina contra a febre amarela, pois em breve iria para a região endêmica (Brasília, Distrito Federal), onde realizaria diversas atividades pedagógicas.

Quarta-feira, 12/01 – O posto de vacinação abria às 10 horas e às 9h 30min já me encontrava na rua México, no centro da cidade do Rio de Janeiro. Com o alarde da mídia, a fila era enorme. Depois de longa espera pude, finalmente, entrar e os atendentes deram-me um formulário para preencher.

Acomodada à mesa de um deles, tirei do estojo os óculos (com armação de titânio e lentes *invisíveis*, especiais, reduzidas e sem reflexo) recém-comprados. Estava muito contente com a compra, *um investimento significativo* para o meu orçamento. Nesse semestre, havia optado pelo instrumento sofisticado, ao invés de trocar o *laptop*. O aparelho *olho* vinha *antes* do objeto *computador*, na ordem das prioridades.

Saí do posto de saúde às **11h 15min**, aproximadamente, para tomar o metrô na Estação da Cinelândia. Decidi descer no ponto final, Estação Arcoverde, em Copacabana, para procurar um móvel de que precisava. Raramente visito esse bairro, embora tenha sido meu primeiro endereço quando cheguei ao Rio de Janeiro para morar, vinda de Belo Horizonte, em julho de 1967.

Chamou-me a atenção o fato dessa nova estação do metrô ficar justamente na rua Barata Ribeiro, em frente ao prédio de apartamentos onde morei, num quarto alugado, na casa da costureira Marina, mulher negra, forte, amável e de energias positivas.

Não pude evitar a evocação. Houve a retrospectiva inevitável daqueles primeiros e difíceis tempos, eu, apenas uma garota de 21 anos de idade, recém-chegada de Minas Gerais e ainda um pouco desorientada na cidade.

Segui pela Av. N. Sra. de Copacabana, debaixo de um Sol abrasador e entrei numa loja de produtos naturais, onde tomei um suco e acabei encontrando um aparelho há muito procurado, que foi pago com cheque. Prescindi dos óculos, pois o cheque já estava semipreenchido.

Depois do trajeto de mais algumas quadras, vi que era hora de seguir para o *IIPC* em Ipanema, pois tinha uma reunião marcada. Para isso, enveredei pela rua Santa Clara, chegando até a Barata Ribeiro. Eram aproximadamente **13 horas**. Andei mais uma quadra nessa rua, em direção à próxima e, na esquina, fiz sinal para um táxi, que freou bruscamente.

O Táxi – Estava cansada, mais pelo calor, pois a rua era um braseiro vivo. Por isso, senti-me muito bem no ar-condicionado do carro de quatro portas, que embora não fosse novo, era limpo e confortável.

Não fiz o que me é de costume: ler o nome do motorista na placa de identificação obrigatória, afixada próxima ao espelho central, confirmando depois o rosto do dono. Só via o motorista de costas. Cabeça grande, cabelos lisos escuros e óculos também escuros. Não havia nenhuma outra identificação no painel, por exemplo, fotos de crianças (filhos) ou outro detalhe que pudesse chamar-me a atenção.

Dei o itinerário, para Ipanema, na rua Aníbal de Mendonça. A conversa foi iniciada por ele, desculpando-se pela freada abrupta após meu sinal de parada na rua. Ele não me havia visto, pois estava olhando a placa do táxi de um colega, estacionado para lancha na lanchonete da esquina onde me encontrara.

Contou-me então a história ocorrida entre ele e o dono da lanchonete, um tal Salvador. Costumava vir sempre lancha nesse lugar. Contudo, nunca mais voltou lá a partir de um pedido que fez ao dono e não foi atendido. – “O dinheiro corrompe as pessoas, senhora. Eu comi aqui durante anos. Café da manhã e lanche à tarde. Gastava uns sete, oito reais todo dia. Uma vez, trouxe uma lista de ajuda do Natal das crianças, para ele assinar. Tinha certeza que o Salvador faria isso, já que eu era um bom cliente e nunca havia pedido nada a ele, nem deixado fiado. Para minha surpresa, ele apenas olhou a lista sem nenhum interesse e me devolveu, em branco, sem dizer nada. Nunca mais voltei lá. Ele perdeu um cliente. Não era muito, mas todo dia eu deixava o meu dinheiro ali. Se um dia eu me encontrar com ele de novo e ele me perguntar por que eu sumi, eu digo. Mas acho que ele nunca vai perguntar, né senhora? Hoje, eu como ali, com um rapaz, na Belfort Roxo (rua de Copacabana). Servem muito melhor”.

Comentei que, às vezes, é preciso uma desilusão para mudar os nossos hábitos. Com a quebra da rotina, acabamos encontrando novas e melhores opções. A conversa prosseguiu e ele ainda comentou sobre a esposa, que havia herdado um apartamento da tia no morro da viúva. E recomendou: “Minha mulher também ainda vai se aborrecer com a mãe pelo problema do dinheiro, eu tenho certeza. O apartamento está em usufruto para minha sogra e é ela quem mora lá. Enquanto isso, nós moramos de aluguel”.

Continuei minhas reflexões pensando nas conseqüências dos nossos atos, gerando a trama cármica da vida com outras consciências. Ele seguiu conversando e já chegávamos ao local de destino. Desculpei-me por não poder ouvir mais, tirei a carteira para pagar e desci.

A Confirmação - Tomei um sorvete, como pretendia, e fui para o IIPC. Lá chegando, procurei logo os óculos para iniciar o trabalho do dia. Nada. Revirei tudo: a pasta com o material de trabalho que sempre trago comigo e a bolsa de mão que levo a tiracolo. Pequena e prática, cabe somente o estojo de óculos, um pente e a carteira de dinheiro. Seria difícil que o estojo caísse do fundo da bolsa onde se encontrava. Branco total. Nenhuma lembrança dos óculos, salvo quando os utilizei pela última vez, no posto de saúde.

Imediatamente liguei para lá. A moça que me atendeu foi olhar se havia algo esquecido, mas logo voltou dizendo que não, lá não havia ficado. Contudo, continuou ela, a maioria dos colegas havia saído para almoçar. Era melhor tentar dentro de uma hora.

Nesse meio tempo, lembrei-me também da loja de produtos naturais. Liguei e insisti com a moça que me atendeu para procurar perto do caixa, no balcão. Quem sabe havia caído sem que eu visse? Mas em vão. Nenhum sinal. Liguei novamente para o posto. Também lá, ninguém o havia achado. E seria fácil, pois o local é pequeno, fechado e com poucos funcionários.

Refiz mentalmente o trajeto da manhã e nada recordava sobre os óculos. Fiquei aborrecida. Resolvi descer até a sorveteria. Olhei pelo chão, onde o táxi me havia deixado. Perguntei também a dois porteiros dos prédios em frente ao local se o taxista havia retornado para devolver o objeto procurado. Mas ninguém soube me dar algum indício.

O valor material era importante, pelo menos para mim, mas o maior valor daquele objeto era mesmo o de representar o indispensável instrumento de trabalho. Meu colega, professor Daniel Muniz, estava de carro e, a meu pedido, aceitou ir até Copacabana e dar uma volta pela rua Belfort Roxo para ver se encontrávamos o taxista.

Sabia que era um “tiro no escuro”. Não sabia o nome do motorista, nem a marca do carro e até minhas descrições sobre a aparência do rapaz eram vagas. Podia ter uns 30 anos, talvez menos. Apenas o vi de costas, sentado, e não sabia se era alto, magro ou gordo. Só me lembrava da nuca, dos ca-

belos e dos óculos escuros, o que era uma descrição insignificante.

Rodei por uns dois ou três bares da rua. Numa lanchonete de esquina com a rua Barata Ribeiro, cheguei a deixar meu nome e telefone. A Belfort Roxo é uma rua pequena, próxima à Av. Princesa Isabel. Não tem saída para a Av. Atlântica e termina num beco na rua Ministro Viveiros de Castro. Logo, não seria uma tarefa assim tão árdua perguntar em todos os restaurantes e bares da região. Mas perguntar o que, se eu não tinha praticamente nenhuma pista?

Claro que a busca resultou inútil e voltamos logo para o *IIPC*. Estava desolada. Sem poder ler, aquele seria um dia perdido. A conclusão veio logo: era o desenlace da **precognição** anunciada há mais de uma semana. Eu não havia tomado o necessário cuidado com os óculos. Não havia sequer pensado neles enquanto objeto da perda iminente. Refleti sobre como era preciso melhorar o nível de lucidez a partir dessa sinalética já identificada.

1°. Sugestão Providencial – Na lanchonete do *IIPC*, encontrei-me com a professora Graça Razera, que perguntou sobre o meu trabalho. Comentei que a campanha promocional do *CIP* estava indo bem, contudo, havia custado meus óculos novos confeccionados na ótica recomendada pelo professor Waldo Vieira.

Imediatamente recordamo-nos de uma vez em que ele havia ajudado a recuperar meus documentos perdidos, *pedágio* resultante de uma tarefa relacionada ao ECP2². E Graça disse: – “*Málu, porque você não escreve o seu pedido para o Waldo? Eu estou indo para casa e entrego a ele logo, para pôr na tenepes*”.

Admito que me pareceu um pouco estranho pedir algo material relacionado com a *tenepes*. Além disso, eu mesma na condição de praticante da técnica há cinco anos, na época, não fazia pedidos pessoais ao professor Waldo, salvo em situações especiais, relacionadas com o trabalho no *IIPC*. Mas logo concluí: – “*Vale a pena tentar. Afinal de contas, preciso mesmo dos óculos para trabalhar*”. E assim fiz, escrevendo no papel: **Pressão extrafísica. Perda de óculos multifocal**. E assinei.

2°. Sugestão Providencial - Na reunião para a qual fui chamada com a Diretoria, o fato foi comentado e ficou claro para todos que eu não tinha certeza sobre o *local* da perda. Poderia ter sido em diversas circunstâncias, todas difíceis de serem confirmadas. O estojo não era tão leve para cair do fundo da bolsa sem ser percebido.

Foi quando a professora Marina Thomaz comentou um caso análogo ocorrido com uma sobrinha. A sugestão dada foi: – “*Espere uma noite. Depois de dormir, quem sabe?*” Era o que havia acontecido com a sobrinha, que ao despertar, teve a intuição de buscar o objeto perdido na loja de um *shopping center*, onde foi encontrado.

Resolvi me apegar a isso. De qualquer maneira, em meu caso pessoal, fatos semelhantes ocorridos pontualmente nesta vida sempre haviam tido finais felizes. Nos últimos 12 anos, geralmente estavam envolvidos no contexto do trabalho multidimensional. Eram os conhecidos *acidentes de percurso*.

Reflexões – Esse episódio havia intensificado ainda mais meu momento pessoal de reflexões. Óculos têm relação direta com *visão* e era o que eu mais vinha pedindo ultimamente aos meus aparamentos: aumento do meu *discernimento* e *visão de conjunto* ao analisar certos fatos. Precisava chegar à solução de algumas questões pertinentes à autopesquisa. Estava passando por uma profunda crise de motivações. Há tempos vinha questionando e pedindo um *sinal extrafísico*, um vetor para sair do impasse em que me encontrava.

À noite, o sono não vinha. Muito tempo após a *tenepes*, por volta de três horas da madrugada, permanecia acordada pensando: – “*Como vão me dar um sinal se fico aqui, pregada no corpo?*” Num dado momento de maior concentração em busca de um contato, **tive a nítida sensação de um objeto físico escorregando do meu colo e caindo no chão**. Era o sinal esperado. Isso indicava que o táxi era meu local-alvo?

Pensei muito no rapaz do táxi, sua esposa, na sogra e até no homem da lanchonete que não havia colaborado na assistência às crianças. Desejei o melhor a todos e, vencida pelo cansaço do dia atribulado, adormeci.

Quinta-feira, 13/1 - Pela manhã, sem

rememoração, vesti-me rapidamente e saí para Copacabana. Minha intenção era a de *palmilhar* a rua Belfort Roxo. Desci do metrô no mesmo local do dia anterior e fiz o percurso a pé até o meu alvo. Comecei pelo trecho sem saída da rua Viveiros de Castro. Retornei à lanchonete do dia anterior onde havia deixado o telefone. O rapaz disse que havia perguntado a três ou quatro taxistas que tomavam lanche ali, porém *nada* informaram sobre um par de óculos esquecido.

Passsei por outros locais semelhantes, obtendo descrições vagas. O motorista que procurava não ficava em nenhum ponto especial de táxi, apenas vinha lanchar. Era um rosto na multidão. Sentia-me meio *robotizada*, seguindo aquele roteiro de forma mecânica.

Andei muito. Ia e voltava sem um itinerário definido e sem compreender muito bem onde queria chegar. Naquele momento, o que eu julgava ser mera **perda de tempo**, era justamente o **ganho de tempo** necessário para o desenlace já preparado extrafísicamente. *Tudo tem a sua razão de ser.*

De repente, desisti de continuar a busca por ali e tomei a decisão de refazer o itinerário completo do dia anterior. Alimentava a convicção íntima de que deveria *marcar* minha passagem por aqueles lugares. Mais por *desencargo de consciência*, segui até a loja de produtos naturais onde mais uma vez perguntei sobre o objeto perdido. Lá não estava, não haviam encontrado *nada*.

Diferença entre Desistir e Abrir mão – Cheguei, finalmente, ao mesmo lugar onde havia tomado o táxi no dia anterior. Estava decidida a procurar o Sr. Salvador e comentar o caso do seu ex-cliente. Refletia sobre o modo pelo qual as circunstâncias da vida nos colocam face a face com alguém que, *até ontem*, era apenas um nome na boca de um desconhecido. Hoje, era uma pista, uma possibilidade da resolução de um problema pessoal.

Perguntei diretamente ao homem do balcão da lanchonete quem era o *Seu Salvador*. Ele confirmou ser o próprio. Continuei, perguntando se recordava-se do motorista de táxi que havia trazido uma lista de ajuda para o Natal das crianças. Ele não estava seguro. Podia ser o Marcelo. Deixei meu nome e telefone para o caso de alguma pista.

Minha idéia era encontrar o colega do taxista que continuava a freqüentar a lanchonete. Quem sabe me levaria até o alvo? Porém, *nada* consegui naquele momento. Na calçada, tive a inspiração de retornar para tomar uma água de coco. Era uma boa idéia, pois fazia um calor infernal.

O líquido fresco fez-me sentir reanimada. Nesse momento exato, decidi entregar a situação aos amparadores, pois sentia que já havia cumprido minha parte. Sabia, intuitivamente, que estava passando por uma prova e que havia algo a aprender com aquilo. Aceitei intimamente a perda do par de óculos tão caro e quase sem uso, sem queixas, sem revolta, decidida a pagar pelo prejuízo material.

No momento em que **abri mão**, senti um padrão potente e positivo de energias, estranho no meio da confusão urbana, naquele ambiente tão entrópico. O caso havia sido passado para *outras mãos*. Senti-me muito bem, confortada e muito tranqüila. Comecei a caminhar pelo mesmo lado da calçada rumo à rua Figueiredo Magalhães, onde tinha a intenção de tomar um táxi para Botafogo.

Afinal, havia iniciado essa verdadeira *peregrinação* às 9 horas da manhã. Agora eram aproximadamente **13 horas**. Era hora de parar, renunciar. Atravessei para a outra esquina, oposta à lanchonete, quando o sinal fechou. Dezenas de táxis pararam todos juntos do lado esquerdo, um verdadeiro *mar* de carros.

Virei a cabeça e comecei a olhar para um deles, **em especial**. Sem refletir sobre o que fazia, atravessei e fui até o meio da rua onde o **táxi** se encontrava. Surpreendendo a mim mesma, sem qualquer premeditação, bati no vidro fechado devido ao ar-condicionado. Não fiz aquilo porque havia reconhecido o rosto do motorista ou tido qualquer outra intuição. Tudo era direto e automático.

Nem esperei que ele baixasse o vidro, simplesmente abri a porta do motorista e iniciei: “olha, ontem eu tomei um táxi daqui para Ipanema, para a Aníbal de Mendonça”. Não pude continuar a explicação, pois o motorista **enfiou a mão no bolso lateral da porta e dela retirou meu estojo de óculos**, entregando-me e dizendo: – “*Eu sei, desde ontem estou tentando encontrar a senhora. Porém, não tinha nenhuma indicação. Nem fui*

eu que achei, foi minha mulher. Fiquei preocupado, pois sei que é objeto necessário, mas o que eu podia fazer”?

Não sei dizer qual dos dois estava mais assustado e surpreso com o que acabava de se suceder. De repente, não estávamos mais no mesmo lugar. Tudo ficou diferente, ali no meio daquele caos urbano.

Meu pensamento era: como fora possível ter parado justo aquele táxi, dentre as dezenas que passam por minuto naquela rua, sem nenhuma justificativa plausível, e encontrar pessoalmente o protagonista das preocupações que tive nas últimas 24 horas?

O evento desafiava todas as experiências parapsíquicas anteriores pelo seu aspecto extraordinário. O seu nome era Francisco. Morava na rua Barão de Ipanema. Também havia pensado muito no caso dos óculos à noite, antes de dormir, porém, como no meu caso, também não tinha pista alguma. Queria realmente encontrar um modo de devolvê-lo: – “*Eu já estava disposto a ir à ótica. Tem o endereço na flanelinha*”.

Só pude encontrá-lo naquela rua, naquela hora, porque um carro havia fechado o dele, obrigando-o a retornar por ali. Pedi para levar-me para casa, enquanto eu insistia que queria recompensá-lo de algum modo, agradecendo sem parar. E ele sempre repetindo: – “*A senhora não sabe minha satisfação em encontrá-la!*”

Vimos comentando o caso. Ele perguntou: – “*A senhora tem alguma religião? Eu sou umbandista*”. Respondi que religião não tinha, mas era espiritualista e por isso sabia da ajuda que recebemos de *gente do outro plano*, procurando utilizar o vocabulário dele. Depois de muitos protestos, ele finalmente aceitou um pequeno valor que lhe ofereci para recompensá-lo, além da corrida, repetindo com sinceridade: – “*A senhora não sabe como fico satisfeito em poder devolver isso para a senhora*”. Nos despedimos trocando os respectivos cartões de visita.

Em casa, decidi ligar logo para o professor Waldo e para a professora Graça com o objetivo de contar o espetacular episódio do qual havia sido protagonista naquele dia. Graça atendeu e, em

poucas palavras, contei-lhe o ocorrido. Impressionada pelo incrível desfecho do caso, chamou logo: – “*Waldo, Waldo, a Málu encontrou o motorista do táxi com os óculos dela*”.

Depois de *recontar* o caso a ele, ainda sob o impacto daquele efeito físico tão ostensivo, com a sua habitual simpatia e simplicidade, Waldo comentou: – “*Olha, ontem, depois de ler o seu pedido nós trabalhamos muito (referência ao trabalho da tenepes). Havia uma amparadora aqui na ofiex. Era uma mulher bonita, muito sorridente, de uns 35 anos, com cabelo cacheado. Foi a ela que eu pedi para resolver o caso*”. E brincando, completou: – “*Você merece. É sinal de que você é sensível, teve afinidade*”.

A Mão Extrafísica - Após desligar o telefone, não podia ocupar-me de nenhuma tarefa. Estava sob efeito do ocorrido, das energias daquele processo extrafísico tão significativo. Só queria refletir, continuar sentindo aquele enorme bem-estar e registrar o fato.

Como classificá-lo? **Sincronicidade?** A explicação ficava pobre, pálida e acanhada diante daquela **intervenção extrafísica providencial e direta**. Na minha percepção, enquanto epicentro intrafísico do caso, era como se **a mão extrafísica da amparadora** tivesse saído do *nada* para conduzir-me no meio da rua até o portador do objeto procurado.

Simples **intuição?** Quais as probabilidades de um encontro igual a esse pelas leis intrafísicas ou humanas, apenas? É muito grande o esforço despendido para unir duas pessoas quase desconhecidas e a sinergia necessária para levá-las a se encontrar no meio da rua de um bairro movimentado de uma *megalópole*. Deve haver mais de 20.000 táxis rodando pela cidade do Rio de Janeiro. Como poderia achar esse, quase no mesmo lugar e praticamente na mesma hora do dia anterior? As chances eram talvez de **1 em 1 milhão**.

Comecei a sentir **vergonha**. Vergonha por não trazer impregnada comigo de modo mais visível a presença marcante da **multidimensionalidade**, que é *aqui*, ao meu lado, junto comigo, “na minha cara” e não *lá*, longe, em algum lugar do espaço extrafísico.

Mais do que um **fenômeno de efeito físico**, o caso leva a reflexões profundas sobre a **interdependência multidimensional**. Recebi a inesperada manifestação extrafísica enquanto *signal verde* de confirmação, tão esperado, para o contínuo das tarefas da *seriéxis* em determinado rumo. Manifestações ostensivas ao modo dessa, de tal porte, dissolvem dúvidas e pressões, *despertam, recordam* o comprometimento e o papel da *conscin* informada sobre a realidade multidimensional.

O fato extrafísico vívido, complexo, inserido dentro da simplicidade da vida diária, foi um marco e adicionou *gasolina azul* aos planos pessoais. Alguns dias depois, ainda segui ensimesmada nessa reflexão: foi preciso *perder* um objeto físico para *ganhar* um pouco mais de percepção quanto à multidimensionalidade (*às vezes, é preciso uma desilusão para mudar nossos hábitos. Com a quebra da rotina, acabamos encontrando novas e melhores opções*).

Tenho a convicção íntima de que o fenômeno *fora de série* fora providenciado pelos amparadores com o objetivo específico de trazer-me de volta à realidade das tarefas urgentes à vista, sem mais esmorecimentos contraproducentes.

Conclusão – O fenômeno foi elaborado de maneira paradoxal. Por um lado, representou uma

prova extrafísica de afeto e um lembrete: “**olha, nós continuamos aqui, com você. Siga em frente**”. Por outro lado, foi também uma **advertência**: “**veja a sua responsabilidade na condição de conscin possuidora dessa informação, sendo o alvo de um episódio tão claro, direto e incontestável da manifestação extrafísica! O que você pretende fazer com isso**”?

Pelos motivos expostos, o objetivo ao escrever esse artigo foi o de compartilhar com todos os colegas de *seriéxis* e de evolução essas reflexões e, principalmente, o alto padrão de energias recebido da **amparadora extrafísica**, autora e verdadeiro epicentro do experimento consciencial.

É preciso recordar: *a multidimensionalidade está aqui, acompanhando, observando tudo, intercedendo quando necessário*. Com profunda sinceridade, agradeço a precisão dessa intervenção extrafísica providencial, muito menos pelo objeto recuperado e muito mais pela **inesquecível lição multidimensional**.

Notas:

1. IIPC – Instituto Internacional de Projeciologia e Conscienciologia.
2. ECP2 – Curso de Extensão em Conscienciologia e Projeciologia 2.

